

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O CINEMA DA ESTÓNIA: UM NINHO AO VENTO

22 e 26 de Abril de 2023

VARASTATUD KOHTUMINE / 1988

“ENCONTRO ROUBADO”

um filme de LEIDA LAIUS

Realização: Leida Laius *Argumento:* Mariya Zvereva *Fotografia (cor):* Junri Sillart *Som:* Jaak Elling *Montagem:* Ingrid Laos, Kersti Miilen *Música:* Lepo Sumera *Direcção artística:* Toomas Hõrak *Cenografia:* Aivar Vilipere *Guarda-roupa:* Kaisa Pärensen *Interpretação:* Maria Klenskaja (Valentina), Andreas Kangu (Jüri, filho de Valentina), Kaie Mihkelson (Tina, mãe adoptiva de Jüri), Lembit Peterson (Ilmar, pai adoptivo de Jüri), Terje Pennie (Milvi, amiga de Valentina), Sulev Luik (Valter), Hilja Varem (Johann, mãe de Valter), Iva Ever (Aimla, Médico), Leida Rammo (Marta, Tia), Mari Lii (Asta), Paul Poom (Lembit), Viire Valdma (secretária de Uibo), etc.

Produção: Tallinnfilm (Estónia / período URSS, 1988) *Produtor:* Piret Tibbo-Hudgins *Cópia:* Instituto de Cinema da Estónia, ficheiro digital, cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 101 minutos *Título internacional:* Stolen Meeting *Estreia:* 5 de Junho de 1989, em Talin *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Talvez seja o momento mais distendido deste último filme de Leida Laius: uma noite de estrelas, um muito grande plano horizontal do rosto de uma mulher que fala com uma amiga, deitada de costas ao relento, junto a uma fogueira e de olhos postos no céu: “Os cosmonautas e os sonhadores concordam, até em Marte pode haver macieiras em flor.” É uma canção, as palavras são trauteadas, e há outras, igualmente esperançosas na mesma cena, retomada a canção – “Olha, temos o universo ao dispor...” No plano geral da sequência, que assim começa com as duas amigas de costas iluminadas pelo fogo baixo no azul da noite, um edifício recortado no fundo do enquadramento, o tom não é bem feliz. É um reencontro, as duas amigas são-no de há muito, houve um lapso importante de tempo em comum, e conversam num descampado próximo do edifício do orfanato abandonado em que outrora viveram. Uma completando as memórias de outra, recordam episódios traumáticos enquanto o fogo crepita e o vento sopra esse fumo. Ao longo da cena, as mágoas, levam-nas as canções. *Quando, quando quando. Ou, Bésa-me, bésa-me mucho...* e o riso. As amigas voltam às palavras faladas, falando-nos o suficiente do passado para que reconstituamos a história, e combinando passos futuros (ou como uma professora russa pode ajudar a uma delas que precisa ser ajudada). O filme continua.

Nesta viagem pelo cinema da Estónia, Leida Laius tem sido uma protagonista particular, com a apresentação de três obras associadas à crueza desapiedada do realismo que, nos anos 1980, sucedeu a um dito realismo socialista das décadas de 1940 e 50. É como está descrito no texto de apresentação da retrospectiva e “*Encontro Roubado*” é um dos três títulos programados da realizadora, de quem já se projectaram *Libahunt* (“Lobisomem”, 1968, a longa-metragem de estreia) e *Naerata Ometi* (“*Jogos para Adolescentes*”, 1985, um dos seus filmes mais divulgados), os três construídos à volta de protagonistas que se movem em realidades sulcadas por todo o tipo de hostilidades. São ferinas as que a determinada Valentina interpretada por Maria Klenskaja aqui enfrenta. Baseado no argumento de Mariya Zvereva, “*Encontro Roubado*” enraíza a sua força na da personagem, a que a actriz empresta a sua, acompanhando-a num caminho de aceitação da

vulnerabilidade e, no limite, ao verdadeiro sacrifício. A solidez da sua construção, a atenção narrativa, a interpretação, o rigor visual dos planos, são elementos determinantes de uma obra em que brilha a lucidez e pela qual passam não poucas contradições humanas.

Certamente devedora de mais entrelinhas históricas do que as que se descortinam de chofre apontando para a dureza vivida pelas mulheres durante a ocupação soviética, com as suas reverberações sociais e políticas, trata-se de uma história de mãe e filho, ou da história de uma mãe e a história de um filho cuja separação precoce acaba ditando a dificuldade de reparação: Valentina incumbe-se a si mesma da missão de procurar o filho pequeno quando é posta em liberdade tendo cumprido pena de prisão num campo de prisioneiros da URSS. Partindo daí, e portanto em linha com o conjunto da obra ficcional e documental de Laius usualmente referida pela âncora nos temas da maternidade e da terra natal, *“Encontro Roubado”* é fundamentalmente a crónica dessa busca e, por fim, desse encontro. Valentina, a mãe, ela própria uma criança criada numa instituição, sem pais, entregara o filho bebé à nascença, descobrindo, no regresso a Talin e pela obstinação que a caracteriza, que este foi adoptado por um casal com algum poder económico com quem efectivamente vive uma vida desafogada e, sobretudo, com quem efectivamente tem “laços de família”. A tragédia de Valentina corresponde à sua superação, no momento em que lhe é transparente que Jüri, a criança que tem olhos tão abertos e tão expressivos como os dela e porventura um mesmo tipo de frontalidade e de força natural, poderá perder o que ela perdeu (ou nunca teve, não é claro), além da inocência. É quando na noite da fuga – outra noite azul –, recheada de peripécias demonstrativas do que pode ser o futuro comum daqueles dois seres, o miúdo lhe diz, “Eu nunca minto.” E não mente, porque ali está de cabeça baixa no mesmo banco de jardim em que Valentina o deixara esperando encontrá-lo no regresso.

Mentirá ela, que sabe mentir ou sobreviveu mentindo, ou agarrando-se à veemência da sua urgência, como demonstra a (ótima) parte do filme em que se emprega para tomar conta da mãe acamada de um filho adulto que se encanta com ela. É aliás essa personagem da mãe de Valter, que se porta como uma “bruxa” até ceder ao diálogo provando ser entendida em interpretar sinais, quem lhe diz que ela é boa pessoa. “Mas mentes muito.” Mente tanto que mentirá a dizer a mentira que nega a verdade que o filme procura com ela desde o princípio. Abdica, não sendo nada certo que, no limite, a opção seja a *justa*. De algum modo, tudo continuará *desajustado* com o afastamento dela que desaparece do plano fundindo-se no escuro da última noite. O abandono é um grande motivo do filme, de final vazio mas com ecos estridentes.

Também magnificamente interpretada por Andreas Kangu, a personagem de Jüri toma conta de *“Encontro Roubado”* pelo menos numa medida simétrica à posição que nele ocupa Valentina. Tratando desse dueto em movimentos de aproximação-afastamento de cadência variada, são, mais coisa menos coisa, os últimos vinte e cinco minutos de *“Encontro Roubado”*, que permanece imune ao sentimentalismo não poupando na carga dramática que vai escalando.

Maria João Madeira